

Elisa de Mello Kerr Azevedo

UMA EXPERIÊNCIA FORMADORA: CORTES E  
RECORTES, A ARTE DE ENCADERNAR

USJT  
São Paulo - 2006

Elisa de Mello Kerr Azevedo

UMA EXPERIÊNCIA FORMADORA: CORTES E  
RECORTES, A ARTE DE ENCADERNAR

Monografia de pesquisa com aproveitamento da disciplina de Planejamento e Desenvolvimento de Projeto, da Universidade São Judas Tadeu do curso de Pedagogia para Licenciados (Formação de Professores), sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília de Carvalho.

USJT  
São Paulo - 2006

# AGRADECIMENTOS

*À Profª. Drª. Cecília de Carvalho pelo profissionalismo e orientação.*

*À Coordenadora do curso Profª. Drª. Cristina pelas orientações pedagógicas , que muito contribuíram para minha atuação como professora no projeto “Cortes e Recortes: A Arte de Encadernar”.*

*E também, a Profª. Drª. Zenaide Caciare Pereira e Prof. Fernando Ferrari Duch pela oportunidade de realizar este projeto nesta Universidade.*

*Dedico esta monografia a minha família,  
Américo, Sofia e Victor, pela paciência  
comigo durante a sua realização.*

“Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar conteúdos mas também ensinar a pensar certo.”

*Paulo Freire.*

## **Resumo**

O projeto “Cortes e Recortes: a Arte de Encadernar” tem por objetivo incentivar a autonomia dos alunos em processo de alfabetização que tenham necessidades especiais, dificuldades de aprendizagem e que estejam matriculados em Educação de Jovens e Adultos (EJA). Baseia-se nas teorias de ROGERS (1987), VYGOSTKY (1998) e ARIAS (2001), abordando a pesquisa qualitativa, por se tratar de educação inclusiva, e adota a observação participante. A técnica de encadernação pretende ser uma ação inclusiva capaz de promover mudanças na percepção e na auto-estima do ser humano. A obtenção de resultados satisfatórios na aprendizagem desses alunos se dá em três aspectos que integram o ser humano: afetividade, cognitivo e motricidade. Elevando-se a auto-estima dos educandos, os resultados se dão por conta da confiança do educador na realização das atividades e no relacionamento interpessoal e afetivo. O projeto adotou diversidade de procedimentos como: confecção de blocos, tabuleiro de damas, caixas de presentes, dobradura e cartões de Natal com atividades de dobrar papel ao meio, serrar e costurar um livro, cortar a capa com estilete, ao encadernar um livro seguindo uma metodologia de símbolos, criadas pela educadora, que represente cada etapa do processo de encadernar.

Palavras-chaves: educação inclusiva, autonomia, auto-estima.

## SUMÁRIO

Introdução.....	01
I - Um Diálogo Reflexivo .....	05
II - Cortes e recortes: contextualizando a experiência formadora.....	11
Considerações Finais.....	24
Referências.....	25

## Introdução

Ao analisar as dificuldades de aprendizagem de alguns alunos, matriculados no primeiro segmento do Centro de Alfabetização de Jovens e Adultos “Prof<sup>a</sup>. Alzira Altenfelder Silva Mesquita” (CAAM – mais um dos Projetos de Extensão da Universidade São Judas Tadeu), vislumbrou-se a possibilidade de se introduzir novas áreas de atuação que estimulassem a aprendizagem desses alunos e que despertassem algumas de suas competências ainda latentes, contribuindo, assim, para sua formação.

Surgiu, então, a possibilidade de viabilizar um projeto que utilizasse a arte de encadernar livros e blocos como experiência formadora desses alunos. Ao elaborar o projeto “Cortes e Recortes: a Arte de Encadernar”, por recorrer a minha formação de docente em Educação Artística e especializada em restauração de papéis antigos e encadernação de livros para desenvolver no projeto de Desenvolvimento de Projeto da disciplina do curso de Pedagogia.

O projeto procura incluir esses alunos com necessidades especiais, do CAAM, sobrepondo-os à sociedade, por meio da aprendizagem de uma habilidade artística específica, dando-lhes a oportunidade de reconstruir sua formação, que foi moldada por uma sociedade que lhes fazia atuar sob sua sombra.

A etimologia das palavras que compõem o título do projeto, segundo o Dicionário Houaiss, é:

Experiência significa experimentar, vivenciar, conhecimento adquirido na prática. Ex é um prefixo do latim que significa tirado para fora; per do latim é por meio de; e ciênc do latim que significa conhecer.

Formador(a) é o que ou o que se dá forma, educador. Forma,ae é um antepositivo do latim que significa figura exterior, aparência.

Cortar é separar em duas ou mais partes; cor é um antepositivo (latim) que significa diminuir; recortar significa cortar de novo; e re é um prefixo (latim) que significa repetição.

Arte é um conjunto de técnicas e habilidades características de um ofício.

Encadernar é unir cadernos ou folhas, para que constituam um só volume. En é um prefixo do latim que significa superposição, aproximação; e cade é um antepositivo do latim catena,ae que significa cadeia, laço.

O presente projeto objetiva a melhoria da autonomia de alunos portadores de necessidades educativas especiais. Para tal, faz uso do potencial do desenvolvimento artístico inerente a todo ser humano, com a finalidade de buscar suprir, mesmo que parcialmente, as necessidades observadas nesses alunos, a partir do momento em que já foi detectada a dificuldade de aprendizagem.

Todo ser humano precisa se preocupar com o desenvolvimento do outro. Para um profissional da área da educação é relevante ocupar-se mais com os temas referentes à inclusão escolar. Sua participação ativa em qualquer projeto pedagógico que trabalhe a inclusão com o objetivo do aprimoramento dessas pessoas com criatividade, responsabilidade e amor, será enriquecedor para ambos.

A importância da inserção desses alunos na sociedade se dá no âmbito da integração social, da valorização de todos e do direito à igualdade. Como participante ativo nesta sociedade, o educando poderá inserir-se no mercado de trabalho e se tornar independente.

O trabalho com portadores de necessidades educativas especiais é relevante para qualquer instituição de ensino atualmente. A legislação (Parecer CNE/CEB nº 17/2001 e Resolução CNE/CEB nº 05/00) assegura a essas pessoas o direito à escolarização regular. E para essa instituição o mais importante é promover o ensino aprendizagem que seja significativo para esses alunos, condizente com suas necessidades, que os prepare para uma vida mais produtiva e promova o direito à cidadania.

O que inquieta esta pesquisadora iniciante é: seria realmente possível promover a autonomia de seus educandos com necessidades especiais por meio da encadernação de livros?

As atividades artísticas serão utilizadas para a promoção de estímulos contínuos que, ao terem seus resultados percebidos pelos educandos, fazem com que estes busquem ainda mais o aprimoramento das atividades. No entanto, não se sabe se é possível fazer uso dessa parte específica da Arte para capacitar pessoas com necessidades educativas especiais e interferir em seu processo de ensino aprendizagem.

Para responder a esta indagação, essa investigadora principiante aborda a pesquisa qualitativa. A opção por essa pesquisa se dá por contemplar a análise de todos os fenômenos que interferem no processo de aprendizagem do objeto de pesquisa, seja ele social, cultural, afetivo ou neurológico. E também, por não

fragmentar o indivíduo, mas o considerar fruto da interação pessoal e dinâmica entre pesquisadora e os alunos pesquisados. É o processo mais adequado, por abranger o ser humano em sua totalidade.

No entanto, não basta apenas observar os fatos. É necessário coletar esses dados com frequência para que sirvam de auxílio na atribuição de significados e interpretação dos fenômenos, observados no educando. Para (CHIZZOTTI 2000, p.81), “O sujeito precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos”. Esses fenômenos só podem ser revelados e capturados pela investigadora, em sua essência, como consequência desta dinâmica interpessoal que as experiências cotidianas proporcionam.

Uma das etapas da pesquisa qualitativa é a coleta de dados, no qual a pesquisadora analisa e interpreta as informações observadas e vivenciadas que emergem de uma interação entre as pessoas envolvidas. Portanto, sua importância está em possibilitar uma ação transformadora sobre o objeto pesquisado, que modifique os aspectos indesejáveis, coletados e analisados no projeto de pesquisa.

Para melhor abranger esta metodologia, utilizou-se a observação participante, por ser uma investigação ativa na qual o observador interage com o sujeito de sua pesquisa, de forma a auxiliá-lo a perceber e analisar suas reais condições e reagir em busca da transformação de sua condição social. Como descreve (BOGDAN 1994, p. 293): “A investigação-acção é um tipo de investigação aplicada no qual o investigador se envolve activamente na causa da investigação”. Portanto, este procedimento fundamentará a temática pesquisada para melhor argumentar, analisar e comparar as reflexões sobre os fenômenos observados nos educandos.

O campo de trabalho será o projeto “Cortes e Recortes: a Arte de Encadernar”, tendo, como observatório, uma situação de aprendizagem específica que leve o educando a absorver uma intervenção transformadora. Chamaremos os educandos selecionados e participantes deste projeto de AL-I e AL-II.

Este projeto está estruturado em dois capítulos. O primeiro são as bases teóricas que sustentam a formação desta educadora. Ela descreve brevemente sobre as influências recebidas por meio dos estudos sobre esses teóricos da educação.

No segundo capítulo é um relato com o objetivo de apresentar as relevâncias da problemática levantada pela pesquisadora, como aconteceram as interferências,

as possibilidades de uma ação transformadora na vida destes educandos e como as teorias fortaleceram essas interferências.

Uma das pretensões com esses alunos têm se realizado no cotidiano do projeto, que é a elevação da auto-estima para que possam adquirir confiança em suas capacidades de aprendizagem e de realização.

Ao final de dois anos de trabalho com esses alunos, pretende-se que eles adquiram habilidades para encadernar um livro seguindo todas as etapas necessárias para tal, sem interferência de outro profissional.

## I – Um Diálogo Reflexivo

Ao elaborar este projeto, foi necessário muito estudo teórico e prático, acumulado com o passar dos anos. Alguns teóricos da área da psicologia e da educação exerceram grande influência no exercício desta prática. Este capítulo será dedicado a uma breve explanação de suas teorias, principalmente onde mais transformou esta educadora.

Um dos teóricos que mais a surpreendeu foi Rogers, um psicanalista americano que dedicou sua vida a entender a aprendizagem. Sua teoria torna-se importante para o educador, pois este perceberá que há uma trajetória a ser percorrida por todos. Um caminho repleto de esperança, conquistas, respeito, desafios, ousadia e, principalmente, muito trabalho.

Sua teoria convida todos a refletir sobre as mudanças necessárias e que devem ser almejadas, tanto dentro como fora da sala de aula. Ela aponta para uma profunda mudança no relacionamento entre professor e aluno, relacionamento esse capaz de provocar transformações intensas, tanto no comportamento de ambos como na sociedade. Suas observações são instigantes e levam o professor a repensar a sua atuação como educador.

As idéias de Rogers sobre a educação são de fácil compreensão, já que suas observações são frutos de uma vivência - dentro de seu próprio consultório – entre terapeuta e paciente. Rogers desenvolveu uma teoria aplicável em qualquer tipo de relacionamento, seja entre professor e aluno, entre pais e filhos, amigos ou mesmo na vida profissional.

Rogers defende a mudança de comportamento por meio da aprendizagem significativa, pois esta é perene e contempla a sua totalidade. (provoca a transformação interna do homem).

Por aprendizagem significativa entendo aquela que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e na sua personalidade (Rogers, 1997, p. 322).

Assim deve ser o educador: alguém capaz de despir-se de si mesmo e interagir com seu aluno de forma interpessoal, afetuosa e de interesse de ambos, professor e aluno, juntos, caminhando para o aprendizado significativo. Um aprendendo com os outros todos os dias. Essa humildade por parte do professor o levará a um relacionamento autêntico e transparente com o educando.

Um dos aspectos mais importantes de sua teoria é a confiança que os educadores devem ter em seus alunos, em sua capacidade de aprender e aprimorar seus conhecimentos e relacionamentos. É, portanto, primordial que o educador estimule a autoconfiança e sirva de suporte ao aluno para a sua capacitação.

Se confio na capacidade que tem o ser humano de desenvolver a sua própria potencialidade, então posso fornecer-lhe muitas oportunidades e permitir que escolha o seu próprio caminho e direção, em sua aprendizagem (Rogers, 1986, p. 134).

No caso do projeto em questão, o fundamental é acreditar que esses alunos com dificuldades de aprendizagem podem desenvolver-se muito mais do que aparentam.

Rogers defende, também, a necessidade de o educador compreender e aceitar seu aluno como ele é, sem exercer julgamentos; tampouco classificá-lo como capaz ou não de realizar alguma coisa; ao contrário, integra-o ao grupo para que seja respeitado independentemente do contexto de sua realidade. É, portanto, fundamental confiar no ser humano, em suas potencialidades e capacidades de aprendizagem.

Outro teórico que exerce grande influência na prática deste projeto é Philippe Perrenoud. Suas publicações e análises sobre a prática da avaliação, como também das competências que devem ser desenvolvidas no educador e pelo educador, fazem diferenças na ação dentro da sala de aula.

Portanto, ele mostra como é importante um trabalho eficaz na escola que resulte na transformação do aluno, em uma vida de responsabilidade e autonomia, passando o aluno a entender, interferir e gerir sua própria aprendizagem. Contudo,

para que isto ocorra, é necessário que o professor, cotidianamente, dedique tempo à sua própria formação e na busca de novas metodologias e procedimentos que conseqüentemente interfiram e modifiquem sua prática, de acordo com suas observações e as necessidades do momento.

Organizar e dirigir situações de aprendizagem é manter um espaço justo para tais procedimentos. É, sobretudo, despender energia e tempo e dispor das competências profissionais necessárias para imaginar e criar outros tipos de situações de aprendizagem, que as didáticas contemporâneas encaram como situações de amplas, abertas, carregadas de sentido de regulação, as quais requerem um método de pesquisa, de identificação e de resolução de problemas (Perrenoud, 2000, p.26)

Embora PERRENOUD (2000), ao escrever suas idéias sobre aprendizagem, não mencione diretamente a educação inclusiva, seus comentários vêm reforçar a importância de os educadores aprimorarem ainda mais suas práticas pedagógicas, para que alcancem, também, essas crianças.

Portanto, é papel do educador encontrar e criar recursos didáticos que possibilitem a essas crianças alcançarem metas de aprendizagem individualizada. Essas metas não podem ofuscar o educador, para que ele não exija além do que a criança possa oferecer no momento, nem mesmo deixar de exigir o que ela possa assimilar. BEYER (2005, p. 30) defende a idéia de que o educador “não fica satisfeito, caso o educando fique aquém de suas possibilidades”.

Precisamos entender que as crianças são diferentes entre si. Elas são únicas em sua forma de pensar e aprender. Todas as crianças, e não apenas as que apresentam alguma limitação ou deficiência, são especiais. Por isso, também é errado exigir de diferentes crianças o mesmo desempenho e lidar com elas de maneira uniforme (Beyer, 2005, p. 28).

Como a arte é uma forma de expressão, ela respeita os limites de quem a faz e proporciona ao artista um desafio condizente com sua condição de produção. Estes estímulos promovidos pela arte favorecem a aprendizagem significativa. ATACK (1995, p.32) “A educação artística deve ser usada para estimular o desenvolvimento da criança e nortear uma aprendizagem efetiva.” No caso dessas crianças, o importante não é o seu produto final, mas sim todo o processo de desenvolvimento por que ela passou durante a realização do trabalho. Assim a arte

contempla as realizações individuais dessas crianças, sedimentando pequenos aprendizados que contribuirão para a sua satisfação pessoal.

Mesmo não tendo a arte a função de subsistência na vida biológica do ser humano, sua função primordial está na expressão desse mesmo ser, que já nasce com o desejo de ser livre e admirado, deixando sua marca impressa por meio do tato e da visão. UPJOHN (1987, p. 7) menciona que: “Todavia, o desejo de expressão pela arte é tão profundamente humano que desde a Pré-História se tem manifestado sem interrupção em toda a Terra.” Ao expressar-se, o ser humano espera, mesmo que inconscientemente, que os outros o admirem ao observar sua obra-prima. Toda produção artística exprime um desejo, mesmo que oculto, de ser reconhecido e revelado. Este veículo de expressão promove a valorização do ser humano em sua totalidade, buscando extrair desse ser todos os seus sentidos, para que se forme por completo e possa exercer sua cidadania com dignidade.

O autor Cf. EDWARDS, Betty de “*Desenhando com o lado direito do cérebro*” (1979 p. 38), explica sobre os estudos das funções do cérebro, como se dividem os hemisférios e a função de cada um dos lados. Explica como os cientistas chegaram à conclusão que o lado esquerdo é o lógico, o objetivo e o que se expressa verbalmente, é o lado dominante, enquanto o direito é o analógico, o intuitivo, o perceptivo, o subjetivo, o mundo das artes, é o que não consegue se expressar verbalmente, portanto é pouco estimulado. São dois lados diferentes, mas que se completam e as instituições educacionais, o mercado de trabalho e o universo das pesquisas os mantêm separados. Vale ressaltar o quanto é importante para o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade a integração desses dois lados e o uso de técnicas que estimulem essa ligação.

Podemos dedicar-nos completamente à ciência ou viver exclusivamente dentro da nossa arte. Ambos os pontos de vista são igualmente válidos, mas, tomados separadamente, são incompletos. A ciência se apóia na lógica e na experiência. A base da arte é a intuição e a percepção. Mas a arte do balé exige precisão matemática [...]. Elas se complementam, ao invés de se contradizerem. (Ponomarev in apud Edwards, 79, p. 52).

Ao fazer uso de uma técnica específica para a confecção de um produto concreto e objetivo, que segue passos bem definidos e seqüenciais, os educandos

são estimulados a desenvolver o hemisfério do raciocínio lógico, da expressão verbal. Porém, por ser uma técnica artística, desenvolve nesse educando também o campo da observação e da percepção. Portanto a técnica de encadernação contribui com estímulos para integrar os dois hemisférios do cérebro para que trabalhem unificados.

Mas desenvolver a pessoa como um todo na aprendizagem significa liberar e utilizar também o lado direito do cérebro. Esse hemisfério funciona de maneira inteiramente diferente. É intuitivo; apreende a essência antes de conhecer os pormenores; é estético, e não lógico; dá saltos criativos. É o modo do artista. Do cientista criativo. Acha-se associado a qualidades femininas da vida (Rogers 1985, p. 30).

Muitos estudos comprovam que certas áreas de nosso cérebro continuam a desenvolver-se novamente quando trabalhadas adequadamente. Para WALLON, a motricidade é essencial para o bom desenvolvimento do ser humano, pois é também por meio dela que as ligações neurológicas se formam desde nosso nascimento. Antigamente acreditava-se que nascíamos com todas essas ligações prontas. Contudo, estudos atuais mostram que elas continuam a ser feitas, principalmente quando trabalhadas adequadamente por meio de exercícios físicos e mentais. As atividades manuais e artísticas promovem um grande desenvolvimento nessa área, ao exigir do indivíduo a motricidade fina, o qual terá que direcionar essa pessoa a focar o objeto a ser confeccionado, exigindo que efetue grandes operações mentais, como: observação, concentração, percepção, memorização, seqüencialmente e outros.

[...] o sentido humano do movimento é garantido pela capacidade de os músculos não apenas gerarem tensão para os deslocamentos corporais, mas também por serem à base das atitudes dos seres humanos. As atitudes são expressões corporais engendradas na integração de emoções, pensamentos e intenções, adquirindo assim um sentido humano (Wallon in apud Mahoney, 2002, p. 50).

Para estes alunos com dificuldades de aprendizagens, é fundamental estimular e explorar ao máximo o desenvolvimento possível das competências existentes, para que possam chegar o mais próximos da normalidade. Ao exigir um

produto final coerente e correto, esses alunos aprendem a buscar meios para conseguir finalizar esse produto executado por suas próprias mãos. Ao perceberem que podem realizá-lo com qualidade, começam a acreditar em si próprios, elevando aos poucos sua baixa auto-estima. Como resultados dessa descoberta, passam a ser mais exigentes e começam a aprender mais fácil. ARIAS (2006) relata em uma de suas vindas a São Paulo ao ser questionado pela pesquisadora sobre a capacidade de aprendizagem desses alunos que: “Quando perceberem que são capazes de aprender, você se surpreenderá com a rapidez com que aprenderão o próximo passo. E essa auto-estima eles levarão para outras áreas do conhecimento”.

Para melhor compreender essa relação de confiança construída em sala de aula entre professor e aluno, Rogers explica que essa confiança tem de vir acompanhada de aceitação do indivíduo como ele está, suas dificuldades, emoções, uma compreensão do outro como ele se apresenta no momento. No caso da educação inclusiva, a aprendizagem significativa só ocorrerá se esse momento for bem compreendido.

O facilitador que possui um grau considerável dessa atitude pode aceitar plenamente o temor e a hesitação com que o estudante aborda um novo problema, e também aceitar a satisfação do aluno em sua realização. [...] O que estamos descrevendo é o apreço por um estudante como ser humano imperfeito com muitos sentimentos e muitas potencialidades (Rogers 1985, p. 130).

A aceitação de si em outros grupos é fundamental a todo ser humano. As pessoas portadoras de necessidades educativas especiais estão desprovidas de certas habilidades que os tornem comuns à nossa sociedade. Inserir esses alunos na sociedade e auxiliá-los a serem autônomos são os grandes desafios que os profissionais da educação estão enfrentando ao auxiliar esses alunos a superar cada obstáculo a seu tempo. É papel do educador e familiares fazê-los entender que, embora apresentem dificuldades, podem viver como pessoas comuns e capazes de desenvolver habilidades que os tornem comuns.

## II – Cortes e recortes: contextualizando a experiência formadora.

A escolha da pesquisa qualitativa para a elaboração dessa monografia parte do pressuposto que o objeto da pesquisa interage com a sociedade, trazendo consigo todos os aspectos que fazem parte dessa interação dinâmica que o transforma todos os dias. O homem se forma integralmente ao viver e conviver com o meio em que está inserido; por isso, ao observá-lo, é necessário considerar todas as áreas que influenciam em sua transformação contínua.

As ciências humanas atribuem significados aos elementos observáveis dessa pesquisa, aprofundando-se em sua complexidade para que possam de forma responsável interferir nessas ações, ações essas vivenciadas no percurso de suas vidas, que não são mensuráveis. Essas experiências de vida se interagem com as vivências em sala de aula, gerando um relacionamento entre pesquisador e aluno que favorece uma prática reflexiva e sua participação no processo de interpretação dos fatos coletados em sala de aula.

A mudança é coisa séria porque o objectivo é sempre o de melhorar a vida das pessoas. Mas, é igualmente complicada porque as crenças, os estilos de vida e o comportamento podem estar em conflito. [...] Caso desejemos que a mudança seja efectiva, temos que compreender a forma como os indivíduos envolvidos entendem a sua situação, pois são eles que terão que viver com as mudanças (Bogdan 1994, p. 265).

Portanto, o investigador precisa ter, primeiramente, consciência de seu papel de observador e somente após ter a certeza de que consegue manter-se distante de seus próprios desejos ocultos é que poderá participar e interferir sobre as ações de seus alunos. Ninguém tem o direito de direcionar os outros sem sequer saber o que se pode obter futuramente. O papel do educador é instigar os educandos, para que eles sintam o desejo da mudança e a façam por si próprios.

Todas as pessoas são observadoras e participantes do processo da construção de suas vidas; o diferencial entre o sujeito normal e o sujeito especial é o quanto foi capaz de observar e aprender por meio desta observação. Nascemos com um potencial de inocência, que, ao passar dos anos, vai cedendo o seu lugar

aos conceitos de sobrevivência e malícia que a vida proporciona. Contudo, as pessoas com necessidades educativas especiais não observam e participam dessa construção com a mesma rapidez e compreensão que as outras. Por esse motivo os conceitos precisam ser trabalhados com mais intensidade. Por não serem tão observadoras e participantes de sua experiência de vida, muitas dessas pessoas com dificuldades de aprendizagem e necessidades especiais permanecem com uma grande parcela de inocência infantil.

No campo do trabalho o investigador precisa ter uma atitude de compreensão empática para que possa entender todos os fenômenos que envolvem o aluno e interferem em seu comportamento. Essa atitude o manterá ciente de até que ponto poderá intervir ou ocultar-se diante de certas observações coletadas no processo de investigação. É relevante que o pesquisador reflita sobre todos os aspectos antes de qualquer inferência, seja ela favorável ou não.

O trabalho de campo refere-se ao estar dentro do mundo do sujeito [...] não como uma pessoa que sabe tudo, mas como alguém que quer aprender; não como uma pessoa que quer ser como o sujeito, mas como alguém que procura saber o que é ser como ele (Bogdan 1994, p. 113).

O projeto objetiva a inclusão dos alunos com dificuldades de aprendizagem na sociedade, dando-lhes a oportunidade de serem autônomos e participarem dela com dignidade, sem os olhares que o tornam diferentes e os coloquem à parte dela.

Para melhor entender o contexto em que o sujeito da pesquisa está inserido, levantam-se três pontos relevantes: a inclusão desses alunos, a dificuldade de aprendizagem que apresentam e a promoção da autonomia deles. Nesse trabalho será apresentado um caminho que leve os três pontos a convergirem, tendo com veículo de união o trabalho artístico manual.

O projeto “Cortes e Recortes: A Arte de Encadernar” tem sido o campo de trabalho dessa pesquisa por fazer uso das técnicas artísticas de encadernação destinada a pessoas que vivenciam as três relevâncias citadas acima, tendo como objeto de pesquisa dois de seus alunos que apresentam dificuldades semelhantes e com absorção dos saberes diferenciados.

Esse projeto funciona em uma sala ampla, com seis alunos, todos com dificuldades de aprendizagem, sendo que alguns apresentam necessidades especiais. A sala é equipada com aparelho de som, mesas grandes e equipamentos de encadernação, local esse que lhes permite liberdade de movimentarem-se, o que faz parte dessa técnica artística.

Essa pesquisa vislumbra a aprendizagem desses alunos, que não foram absorvidos ou compreendidos pelo sistema educacional regular que se dedica ao conhecimento dos conteúdos. Para esses alunos, a aprendizagem tem que abranger também as atitudes e os comportamentos, que geram modificações profundas em suas vidas, saberes que nesse caso são mais significativos do que o domínio dos conteúdos. Eles precisam aprender a confiar em si mesmos para que possam ser autônomos em suas próprias decisões. ROGERS (1997, p 322) fundamenta a aprendizagem significativa ao escrever: “É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência”.

Iniciei o trabalho no “Cortes e Recortes” sem ter noção do que esses alunos sabiam de conteúdo, nem mesmo de seus potenciais e habilidades. Para saber como e o que trabalhar com eles, fiz alguns exercícios iniciais de geometria.

Após coletar esses dados, pensei em uma metodologia flexível, que seria trabalhada de acordo com as circunstâncias. Como não poderia introduzir as técnicas de encadernação diretamente, busquei atividades que os levassem a trabalhar indiretamente alguns elementos que viriam a desenvolver habilidades essenciais a um encadernador.

A primeira atividade desenvolvida foi a produção de uma caixinha feita em dobradura para cuja confecção o educando teve que aprender a dobrar papéis ao meio. Com essa técnica puderam aprender conceitos de meio e metade. Esse trabalho manual já deixou clara a dificuldade de cada aluno e o procedimento que adotava para conseguir executar essa manobra. Todos apresentaram grande dificuldade motora.

Após passarmos por essa dificuldade, tive que observar como eles se comportavam ao utilizar uma tesoura, na atividade de confeccionar um cartão de Natal. Ficaram receosos e tiveram medo de não conseguir executar a atividade. O

que mais me chamou a atenção foi o AL-I que apresentou certa tensão ao fazer uso da tesoura e tudo que era para ser cortado com mais cuidado foi feito por outra colega. Sua fala era repetitiva: “usar a tesoura é perigoso, né professora?”, mas expressava-se sempre com muito carinho. Embora a aluna AL-II não expressasse qualquer medo ao utilizar a tesoura, não o fez com critério e capricho. Ambos apresentaram dificuldade motora.

Para reforçar a pesquisa trabalhei outro cartão, novamente usando o conceito de dobrar ao meio (metade), com colagem e agora com recorte de círculos. Novamente o AL-I repetiu sua fala: “usar a tesoura é perigoso, né professora?”, mas já pude perceber um pequeno avanço nele, pois ele mesmo cortou as rodinhas do trem. A AL-II fez as atividades, mas continuou sem critério.

O que me inquietou foi o constante preconceito sobre si mesmos observado nas falas: “- Ai, como sou burro(a), eu nunca vou conseguir!” ambos falavam isso, sendo mais freqüente na AL-II. Comecei a perceber o sentimento de incapacidade embutido não somente nas falas dos alunos, como também em suas ações.

Para melhor amenizar esse sentimento, dividi o tempo na sala de aula em dois momentos: o primeiro para introduzir regras e conceitos de geometria, que são fundamentais para a encadernação, e o segundo para confeccionar pequenos trabalhos que concretizassem esses conceitos na prática.

Passei a observar que eles apresentavam dificuldades em começar as atividades a partir do ponto em que pararam na aula anterior. Todas as aulas eram retomadas, e os exercícios de geometria estavam se perdendo e se tornando muito cansativo, tanto para eles como para as professoras.

Ao aplicar a teoria de ROGERS, juntamente com a experiência formadora no projeto, pude comprovar a importância dessa teoria para o futuro da educação. Entendi a importância de romper com o tradicionalismo e ousar enfrentar as incertezas e desafios que vieram e os que estão por vir. Isso apesar do medo do novo, para tornar essa ação inclusiva, efetiva e transformadora para esses alunos.

Quando um educador tem a oportunidade de compartilhar a vida, em seu próprio lar, com uma pessoa que necessita de cuidados especiais, ou de atenção diferenciada, o seu olhar para com aqueles que, também, necessitam de cuidados especiais muda completamente. É uma experiência significativa que mudou

completamente a visão dessa educadora, que passou a experimentar a inclusão e perceber o quanto ela é importante para a criança sendo ela especial, ou não. Essa importância não se limita aos inclusivos, mas também aos que são ditos “normais” e, no entanto, discriminam os que aos olhares da sociedade “normal” parecem diferentes.

Ensinar é desafiar e instigar a pessoa a confiar em si mesmo e dar um novo passo em busca de mais, para a vida e para novos relacionamentos. É superar o medo de relacionar-se com o outro (o educando) de forma a inseri-lo na sociedade.

No segundo momento resolvi confeccionar um tabuleiro de Jogo de Damas e trazer para a prática os exercícios de forma mais intensa, atribuindo um significado aos exercícios. Prometi a eles fazer um campeonato de damas assim que todos os tabuleiros estiverem prontos.

Todas as atividades executadas foram guardadas para análise do desenvolvimento individual. Por meio dessas folhas foi registrado o desempenho pessoal de cada aluno e ao final de cada aula obtive material para analisar a construção do raciocínio de cada aluno. O jeito de segurar a régua, o lápis, suas dificuldades com as unidades de medidas etc.

A relevância da avaliação de todo o material possível e contínua nesses alunos se dá pela necessidade de ajuda diferenciada e constante que eles apresentam. Caso o professor não consiga entender o caminho que o aluno percorreu para executar uma determinada atividade, sua ajuda será inútil. Para melhor entender a atitude do professor HADJI (2001, p.63) comenta: “De um ponto de vista ético e pedagógico, é correto afirmar que a avaliação escolar deve-se inscrever no âmbito de uma relação de ajuda”. Para que haja uma ajuda significativa se faz necessário que o professor caminhe junto com ele na análise de seu raciocínio.

No projeto é primordial que os professores sejam cooperativos, para superarem os desafios que a educação inclusiva reserva a todos. Com criatividade e competência, podem-se desenvolver procedimentos que contribuam para o melhor desempenho possível dessa minoria, promovendo a integração dentro e fora da sala de aula entre esses trabalhos.

Há uma grande diversidade de procedimentos que podem ser adotados e priorizam essas crianças, mas o projeto em questão optou por trabalhar com as artes visuais, considerando que a arte-educação tem transformado, ao longo dos anos, o ensino de arte nas escolas, ao propor uma educação que desempenhe um papel interdisciplinar na formação integral do educando. FUSARI (1993, p.19) idealiza a arte-educação: “Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence”.

Como o projeto trabalha com adultos que já interiorizaram o sentimento de incapacidade de realização, a arte passa a ser um dos melhores veículos de recuperação de sua capacidade de realizar e produzir algo que tenha sentido para eles e para outros. Segundo ATACK (1995, p.24) “Particularmente para as crianças deficientes, que, sem dúvida, já vivenciaram o insucesso em muitas outras esferas, a realização de algo pode proporcionar grande satisfação e elevada auto-estima”.

O que me chamava a atenção era a dificuldade deles em entender que precisavam se empenhar mais para melhorar o desempenho individual em cada atividade. Pareceu-me que não importava como estavam executando as atividades, se estava correto ou não, o importante é fazer, o resultado não conta. Comecei a interferir e exigir um resultado coerente com suas dificuldades motoras e neurológicas, mas já embutindo a necessidade de mudança ao executar as atividades, tendo o cuidado em não desprezar o momento em que se encontravam.

Continuavam a reclamar de cansaço e se auto-intitular de burros. Para levantar a auto-estima desses alunos, fui exigente com a finalização de seus trabalhos, valorizando-os sempre. Mostrava a eles cada acerto, e os erros indicava como um caminho que não deu certo, que todos nós trilhamos antes de acertar. Meu papel como professora é ajudá-los a acertar e passar a eles a tranquilidade de que a hora deles chegaria.

Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Para compreender isso, importa distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para, então (e só), ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário (Luckesi, 1995, p. 172).

Embora minha função não seja atribuir notas a esses alunos, eles sabiam que estavam sendo avaliados e observados por mim o tempo todo. Optei por ser sincera e deixar clara a minha intenção com eles para conquistar sua confiança.

Reconhecendo a origem e a constituição de um erro, podemos superá-lo, com benefícios significativos para o crescimento. [...]. Ou seja, foi o erro, conscientemente elaborado, que possibilitou a oportunidade de revisão e avanço (Luckesi, 1995, p. 57).

O educador precisa entender que na educação inclusiva o erro que o aluno comete não é seu grande inimigo. Ao observar sua trajetória, o erro torna-se um excelente aliado para desfazer conceitos errôneos construídos ao longo de suas vidas, que favorecem o sentimento de incapacidade. Por meio do erro haverá a possibilidade de se refazer esses conceitos eliminando de suas vidas o auto pré-conceito e elevar a auto-estima.

Refazer conceitos é ensinar a pensar certo, não importa o caminho que o aluno traçou para chegar lá. É importante respeitar o raciocínio do aluno e como ele consegue alcançar esse objetivo. O educador não tem o direito de impor o seu pensar ao aluno, mesmo que pareça ser mais fácil.

Demanda-se muito tempo para desfazer e refazer um conceito. Portanto, valorize o caminho que o aluno consegue traçar para elaborar um raciocínio e passe para a próxima etapa. Para restaurar essas vidas não se pode desperdiçar tempo; cada momento é precioso ao educador.

A implementação do jogo de damas no projeto foi determinante, pois forneceu diversas pistas para a observação. Uma delas são esses conceitos errôneos, ou não formados pelo objeto da investigação, como, por exemplo: lateralidade, visão espacial, prever e antecipar um passo, auto-defesa. Esses conceitos são fundamentais para um encadernador, como também para suas vidas. Outra pista foi a dificuldade de elaborar um raciocínio lógico e memorizar uma regra. Somente no segundo semestre de trabalho com eles foi que consegui encontrar uma solução.

Um professor que deseja promover a aprendizagem de seus educandos precisa buscar meios que facilitem essa aprendizagem, meios que muitas vezes não requerem investimento econômico, e sim desprender-se de si, dispondo tempo e criatividade, que, unidos às pesquisas (sejam intelectuais ou de campo), enriqueçam o educador em novos saberes, para que possa levar para sala de aula metodologias atuais ou renovadas.

A criação de um mundo próprio através do jogo é fundamental para as artes. Mas o jogo é também a linguagem natural da criança: os símbolos por ela usados são réplicas da situação de vida e, através deles, a criança aproxima seu mundo da realidade (Courtney 2003,p. 79).

As Artes Cênicas são um dos meios capazes de transformar o ser humano. A educação regular utiliza o teatro (jogo dramático) para aproximar-se do mundo das crianças, para estar mais próximo de sua realidade. Na educação inclusiva esta arte pode ser usada na forma inversa, a qual leva a realidade até a criança, utilizando o grande potencial que elas possuem do imaginário para que possam assimilar novos conceitos.

O jogo participa da lei do crescimento em quatro níveis: em primeiro lugar, exercita a mente e o corpo nas ações para as quais o crescimento é dirigido [...]; em segundo lugar, a atividade do jogo segue a ordem do crescimento e as capacidades mentais são estabelecidas, instintivamente, na medida em que são solicitadas pelo jogo; em terceiro lugar, as crianças que têm a oportunidade de jogar se desenvolvem mais normal e integralmente que as que não têm essa possibilidade; e, finalmente, o jogo sempre visa superar as capacidades existentes [...] e, assim o jogo é um método de aprendizagem ( Courtney 2003,p 29).

O formato que mais gostam de jogar é no tabuleiro de damas gigante. Esse tabuleiro faz parte do projeto “Xadrez Humano: a Cada Jogada um Novo Desafio”, do qual participei, e transferi essa ação pedagógica para trabalhar no Cortes e Recortes. Nesse formato, no qual eles jogam em duplas, pude observar a dificuldade de se impor quando estão corretos. Não confiam em si próprios a ponto de fazer-se ouvir. Novamente esbarro na problemática da auto-estima.

Foram várias as tentativas de ensinar os conceitos e elevar a auto-estima dos alunos por meio do jogo, todas com poucos resultados. Comecei a achar que o

jogo era bom para diagnosticar problemas e não para solucioná-los, o que não é uma verdade. Passei a questionar mais ainda. Como poderia promover a autonomia desses alunos, se não compreendem conceitos tão simples? Como podem ser autônomos com uma auto-estima tão baixa?

Novamente mudei os estímulos das aulas para promover a aprendizagem. Embora o projeto estivesse com aspecto de ensaio (tentativa e erro), todas as ações foram bem planejadas e, sempre que necessário buscava orientação com pessoas capacitadas.

Após o campeonato de damas, esses alunos passaram a confeccionar bloquinhos. Nessa atividade já estavam embutidas diversas técnicas de encadernação. Como ainda não tinham os conceitos específicos para essa habilidade bem definidos, fiz algumas etapas por eles, principalmente as que exigiam cortes com o estilete e medidas. Outras etapas foram por mim facilitadas ao criar máscaras (moldes com as medidas das furações) para substituir as medições precisas. Fizeram três blocos, utilizando técnicas complementares, começando do mais simples e acrescentando uma nova etapa em cada bloco. Eles progrediram bastante, mas estavam muito aquém de suas capacidades.

Retornei ao jogo de damas, como uma recreação, para que não percebessem que na verdade estavam aprendendo conceitos importantes para as suas vidas. Começamos com os tabuleiros pequenos e depois usamos novamente o tabuleiro gigante.

Como estávamos próximos do Natal, passamos para uma atividade que fosse importante para eles e pudesse ser significativa para a sua aprendizagem. Escolhi confeccionar uma caixinha vermelha com um Papai Noel dentro. O aluno AL-I, apesar de ter 31 anos, ainda acredita em Papai Noel e a aluna AL-II, com seus 27 anos, não acredita mais, embora aprecie muito o Natal. Essa atividade chamou muito a atenção deles, embora apresentassem muitas dificuldades na execução. O AL-I, que julgava ter mais dificuldades que a AL-II, conseguiu executar todas as atividades e até mesmo cortar a caixinha com estilete, apesar do medo.

O AL-I me surpreendeu ao final do ano, pois teve coragem de enfrentar seus medos ao usar o estilete. Seu medo era tanto que tive que estar ao seu lado repetindo a todo tempo: "Você consegue, faz devagar que eu estou aqui, pode

confiar, sei que você pode fazer.”. E ele continuava: “O estilete é perigoso, ele corta, a Luana se cortou, você sabe professora”. “Eu sei, é que ela deixou o dedo na frente do estilete. Você é esperto, não vai deixar o seu dedo na frente do estilete, vai?”.

Certo dia, ao final da aula, ele voltou até a sala e disse: “Professora, eu te amo”. Preocupei-me ao deparar com essa declaração, embora já tivesse percebido uma grande inocência em seu jeito de agir. Respondi imediatamente: “Cuidado, rapaz, eu sou casada e meu marido é ciumento.”, para afastar qualquer ilusão que pudesse ter. Novamente ele me surpreende ao dizer: “Eu sei professora, eu te amo como uma segunda mãe”. Ele se sentia seguro comigo, conquistei a sua confiança. Passamos da teoria à prática com um relacionamento professor e aluno afetuoso e sincero.

A AL-II estava inconstante ao final do ano e logo descobrimos que ela estava emocionalmente abalada, alguns problemas pessoais a transtornavam em sala de aula. Começou a faltar a muitas aulas e não concluiu a caixinha com o Papai Noel. Todas as ações planejadas para efetivar sua aprendizagem eram mais lentas que o normal dela. Passou a ser muito inconstante emocionalmente, o que dificultava o processo, pois sua auto-estima ficava abalada ao ver seus colegas realizando as tarefas e ela não. No caso da AL-I, eu ainda não havia conquistado sua confiança.

Por muitas vezes, ao término da aula, tive a sensação de incapacidade, por não alcançar esses alunos em momentos difíceis. No caso da educação inclusiva, pude perceber o quanto é importante que eles adquiram confiança plena nas atitudes e palavras do educador, o que contribuirá com o investigador para conscientizá-los da necessidade de mudanças em suas vidas, ajudá-los a elevar a auto-estima e propiciar o amadurecimento desses alunos.

Diversos conceitos que as crianças desenvolvem naturalmente, nas pessoas com aprendizagem lenta apresentam-se fragmentadas. A formação dos conceitos de lateralidade, estruturação espacial, classificação e outros, são fundamentais para a elaboração da escrita e de cálculos matemáticos. O uso de jogos em educação inclusiva tem grande valia para fundamentar esses conceitos. As atividades lúdicas promovem um envolvimento interpessoal com regras definidas, fazendo que os participantes desse jogo absorvam os conceitos pré-determinados de forma

concreta e prazerosa. Para que possam jogar, precisam aprender a respeitar as regras, a observar e comparar, prever e antecipar os passos. Esses conceitos são primordiais para ser um participante ativo e autônomo da vida. O jogo propicia a ligação entre a área lógica e analógica intrínseca em todo ser humano.

Sujeitos que têm dificuldades em percepção espacial terão provavelmente dificuldades em formar conceitos sobre objetos, porque é por meio da percepção do espaço e das relações espaciais que nos situamos no meio em que vivemos, que fazemos observações e estabelecemos relações entre as coisas, comparando-as, combinando-as, vendo as semelhanças e as diferenças entre elas. (Kephart 1990 in apud Aguiar 2004, p. 23)

Muitos desses alunos chegam a sala de aula cheios de pré-conceitos sobre si mesmos. Colocam – ou colocaram – sobre si uma grande carga de incapacidade de realização. Estes conceitos pré-concebidos precisam ser quebrados, para que os novos sejam concretizáveis. Não basta o professor confiar na capacidade desse aluno, é necessário que o observe atentamente para que esses dados coletados possam fazer parte da análise e interpretação em qualquer tipo de interferência que o educador possa vir a fazer.

Pode ser que haja momentos em que o sujeito dessa pesquisa duvide de sua competência para julgá-lo capaz de realizar. Para passar pela aprovação desse aluno, o professor terá que ter argumentos verdadeiros e convincentes, coletados em sala de aula, e assim transmitir confiança ao aluno.

No projeto, esse processo de maturação só poderá ocorrer quando estiverem prontos para quebrar o paradigma do auto pré-conceito que os mantém na inocência da infância. Esses pré-conceitos são embutidos e observáveis em suas falas e ações diárias em sala de aula. É papel do educador desafiá-los a amadurecer, facilitando e fornecendo os meios necessários para que busquem a realização pessoal.

Retomamos o projeto em março deste ano e os dois alunos estavam ansiosos para recomeçar. Até que todos se ambientassem, iniciamos com o jogo de damas no tabuleiro gigante. Ao ver o AL-I, mais uma vez, colocar sua peça ao lado da peça inimiga resolvi fazer uma dramatização, que por sinal foi extremamente exagerada. Para a minha surpresa ele aprendeu a se defender e resolvi fazer o

mesmo com a AL-II. Os dois passaram a entender as regras e assimilar os conceitos de defesa como: prever, antever, antecipar e começaram a expandir o campo visual, olhando o tabuleiro como um todo.

Anteriormente a essa dramatização, seus olhares eram fixos em uma única peça o jogo todo, até que ela fosse capturada. Só assim conseguiam desviar o olhar para outra peça. Após esse momento, bastava eu olhar estranho para o tabuleiro de dama que já sabiam que algo estava errado e rapidamente desfaziam a jogada. Ao escutar minha voz dizendo: “Tem alguém se matando!”, os dois ficam alerta e o AL-I pergunta: “-Sou eu professora?”, enquanto a AL-II ficava desesperada repetindo: “Será que sou eu, será que sou eu?”. Ambos desfazem a jogada e jogam novamente usando a lógica correta.

É notória a diferença de comportamento entre os dois alunos. O AL-I é mais calmo e parece ter mais dificuldades na aprendizagem que a AL-II que, por sua vez, é emocionalmente mais agitada. Embora o AL-I pareça ter mais dificuldades motora e intelectual, seu equilíbrio emocional favorece uma aprendizagem lenta mais contínua, enquanto a AL-II fragmenta sua aprendizagem toda vez que internaliza seus problemas pessoais. A retomada do ensino com a AL-II é mais intensa e prolongada e é nesse instante que o aluno AL-I é favorecido em sua aprendizagem.

Todas as aprendizagens atualmente são reforçadas com exemplos do cotidiano e com pequenas dramatizações referentes ao assunto. O uso das técnicas das Artes Cênicas tem sido um grande auxílio para concretizar a aprendizagem desses alunos. Essa ação pedagógica vem reforçar a necessidade de uma metodologia flexível e adaptável às condições momentâneas desses alunos.

O jogo da criança é frequentemente a resolução dos problemas usando símbolos concretos: ela imagina situações, assumindo atitudes [...] sem si dar conta de que está tratando de seus problemas pessoais ( Courtney 2003,p 75).

O projeto é um jogo cooperativo. Por meio dele, professores e alunos imaginam situações, superam suas frustrações e desejos não alcançados, tudo para que os alunos adquiram novos saberes. Como em todo jogo cooperativo, todos aprendem. O projeto possibilita uma aquisição inestimável – a transformação do

educador. Para o investigador, cada desejo alcançado ou nova frustração adquirida o inquieta, torna-o mais observador consigo mesmo.

Quanto mais os observava, mais o meu olhar mudava. Lutava para modificá-los e eles, sem o mínimo esforço, me transformavam a cada dia. Todas as teorias começavam a fazer sentido em minha vida. Então pude entender a dialética das pesquisas. Um local onde entrei para observar e interferir na vida das pessoas, de modo a provocar modificações, e a primeira a ser transformada fui eu.

## Conclusões parciais

Esse projeto objetivou investigar se é possível favorecer a formação dos educandos com necessidades educativas especiais, matriculados no CAAM, o qual faz uso da arte para promover a autonomia desses alunos.

O estudo sobre o projeto tem comprovado a eficácia da Pedagogia de Projetos na educação inclusiva. Todos os relatos, observações e atividades registradas, são feitos para que o leitor possa perceber as relevâncias do projeto e as inúmeras possibilidades que um educador tem em mãos para propiciar a aprendizagem significativa desses alunos.

Após este trabalho pode-se perceber o quanto é importante ao educador ter um olhar investigativo, valorizando cada fenômeno ocorrido dessas vidas, inquietar-se com cada aspecto dessas ocorrências e buscar respostas para entendê-las. Só depois, criteriosamente, ousar interferir.

Buscar a transformação dos alunos é estar desprovido de preconceitos para enfrentar os desafios da educação inclusiva; é necessário deixar por alguns momentos as polêmicas em torno dela, ousar enfrentar o medo e fazer a diferença com ações provocativas para esses educandos.

É relevante para um investigador estender a mão aos alunos e percorrermos juntos um longo trajeto – caminho incerto e cheio de desafios pela frente, mas com certeza ambos, alunos e professores, serão transformados ao longo dessa caminhada.

## Referências

- AGUIAR, João Sebastião de. Educação inclusiva: jogos para o ensino de conceitos/ João Sebastião Aguiar. Campinas: Papirus, 2004.
- ATAACK, Sally M. *Atividades artísticas para deficientes*. Campinas: Papirus, 1995.
- BEYER, Hugo Otto. *Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais*. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- BOGDAN, Roberto C. e BiKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto – Portugal : Porto Editora, 1994.
- CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro & pensamento: as bases intelectuais do teatro na educação*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003.
- EDWARDS, Betty. *Desenhando com o lado direito do cérebro*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1979.
- FUSARI, M. Felisminda de Resende e, FERRAZ, M. Heloisa Corrêa de Toledo. *A arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993.
- HADJI, Charles. *A avaliação desmistificada*. Porto Alegre: Artmed editora, 2001.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEENHARDT, Pierre. *A criança e a expressão*. Lisboa: Editora Estampa, 1973.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 2 ed., São Paulo: Cortez, 1995.
- MAHONEY, Abigail A. e ALMEIDA, LAurinda R do. *A constituição da pessoa: na proposta de Henry Wallon*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar / Philippe Perrenoud*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- ROGERS, Calrs R. *“Liberdade de aprender em nossa década”*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- \_\_\_\_\_. *“Tornar-se pessoa”*. Trad. Manuel J. C. Ferreira, 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico – Antônio Joaquim Severino*. 21ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.
- UPJOHN, Everard M., WINGERT, Paul S., MAHLER, Jane Gaston. *História mundial da arte da pré-história à Grécia antiga*. Lisboa: Bertrand Editora Venda Nova, 1987. v. 1.